



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

HUDSON BATISTA DAS NEVES

Título: O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO E
A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Orientador: Amílcar Araújo Pereira

Rio de Janeiro

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

HUDSON BATISTA DAS NEVES

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Amílcar Araújo Pereira

Rio de Janeiro

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

HUDSON BATISTA DAS NEVES

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a):

Professor (a) Convidado (a):

Professor (a) Convidado (a):

Rio de Janeiro, ____ de ____ de 2017

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, amigos e alunos. Com essa força, pude acreditar mais em mim e nas escolhas que fiz na vida até este momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força e determinação no período da faculdade.

A minha mãe Márcia Batista, que mesmo sem compreender a importância de ter uma graduação no currículo, pelo amparo, confiança, carinho, amor e torcida.

A minha avó Edna Batista pela força e credibilidade de sempre e meu tio Márcio Batista pelo apoio financeiro no início da graduação.

A Ana Beatriz da Silva (Bia Onça) pelo muitos ensinamentos e incentivos antes e durante a graduação.

A José Carlos Felix, que nas minhas andanças pelo movimento negro, me ajudou com as muitas xeroxes e almoços no início da graduação.

Ao meu orientador Amilcar, pela paciência, atenção, empatia e generosidade em diversos momentos. Foram inúmeros!

A minha grande e querida amiga Priscilla Larrubia, pelo companheirismo, aprendizagem e disponibilidade em diversos momentos da graduação.

A Rachel Nascimento pelo carinho, amizade e companheirismo durante parte de meu processo formativo. O aprendizado foi mútuo!

A Luter Ângelo pela amizade, força, e indiscutível apoio nesses últimos momentos de meu processo formativo.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire).

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Prólogo..... | 08 |
| Resumo | |
| Introdução..... | 10 |
| 1.0 – Capítulo 1. Questões Políticas e seus reflexos na sociedade brasileira do século XXI..... | 14 |
| 1.1 – O Brasil e suas identidades | |
| 1.2 – O Racismo e a Educação do século XX..... | 22 |
| 2.0 – Capítulo 2. O Teatro Experimental do Negro e sua pedagogia antirracista..... | 25 |
| 2.1 – A Estreia do TEN | |
| 2.2 – Educação Antirracista..... | 29 |
| 2.3 – Um pouco do histórico do negro no teatro | |
| 2.4 – Experiências teatrais que modificaram a cena do ator negro | |
| 3.0 – Capítulo 3. MOVANOS Movimento Nosso - Educação e Cultura das Relações Étnico-Raciais e outros exemplos..... | 37 |
| 3.1 – A Jornada Teatro-Corpo | |
| 3.2 – Perspectivas Educativas | |
| 4.0 – Considerações Finais..... | 46 |
| 5.0 – Referências..... | 47 |

Prólogo

Durante toda minha vida acadêmica me detive a pesquisar o tema do racismo e a sala de aula. Como professor de teatro meu compromisso sempre esteve em fazer com que os alunos se percebessem sujeitos criativos, sensíveis aos problemas e causas sociais, conscientes de seu lugar na sociedade, o que contribuiria em suas relações interpessoais nos diferentes espaços da vida social. Nas aulas que desenvolvemos, não era somente um trabalho de preparo para o jogo cênico, da construção de cena em si; pretendíamos que eles saíssem preparados e dispostos a questionar os diferentes lugares de fala da realidade em que estavam inseridos. Mais do que um trabalho artístico puramente, era uma relação que estava calcada no desenvolvimento político-cidadão. Abro um parêntesis para falar com mais detalhes de algumas de minhas milhões de questões... Meu desejo era fazer graduação na área das artes cênicas, confesso que tive alguns questionamentos e crises existenciais durante minha jornada na Faculdade de Educação da UFRJ, não estamos livres! O caminho nunca foi, e nem será fácil para os estudantes de origem popular, o que nunca me fez pensar em desistir; ao contrário, além do encontro do pote de ouro no fim do arco-íris pensava também que poderia haver um balde recheado de doce de leite, goiabada e ameixa, e que estes eram meus e ninguém tascava, e no final era só me lambuzar. No meio de tantos amargos e sacrifícios, a vida poderia ser doce e *bonita* como já dizia o nosso saudoso Gonzaguinha. O que seria de nós sem os espinhos no caminho? Não poderia me desvencilhar, sabia o que queria e teria de honrar com minha escolha. O que era uma grande responsabilidade, pois sou o primeiro da família a ingressar em uma universidade pública, ainda mais sendo a primeira e uma das maiores do Brasil. Façamos e sigamos firmes! Alguns professores me fizeram perceber caminhos e perspectivas que eu desconhecia. Descobri um livro que tratava sobre Pedagogia Teatral e comecei a usá-lo nas minhas aulas, entrei em um grupo de pesquisa que discutia temas com que eu me identificava, encontrei um orientador com a trajetória parecida com a minha, comecei a pesquisar sobre Abdias Nascimento, Teatro Negro... Dúvidas se eu estava no caminho certo? Desliguei o alerta vermelho. Era esse o caminho!

Resumo

O seguinte trabalho procura entender a construção de processos educativos que são anteriores e posteriores a criação da lei 10.639/03 – que determina o ensino e história da cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Sabemos que a Lei foi criada como forma de combate ao racismo na sociedade, pois no período do século XX as práticas educacionais que foram pensadas e estruturadas para as escolas tinham o objetivo de negar a existência da população negra no território nacional. Sendo assim a referida Lei vem com o compromisso de tapar o abismo existente na construção identitária e histórica dos afro-brasileiros. Como prática exemplar, trago e analiso a trajetória do Teatro Experimental do Negro, criado no período dos anos de 1940, relacionando-o ao cenário em que se encontrava a sociedade brasileira: construção da identidade de sujeito nacional, e de como sua construção em seu período histórico foi fundamental para que germinasse a criação de outros grupos e outras iniciativas que pensam práticas pedagógicas de educação antirracista.

Palavras-chave: TEN; Teatro Negro; Educação; Educação Antirracista; MOVANOS.

Introdução

Com o desenvolvimento do trabalho com oficinas temáticas em um escola que fora parceira do PET (nosso projeto de pesquisa¹) durante 5 (cinco) anos, percebíamos que os entraves existiam e deveriam ser derrubados, ou senão deveríamos levar para o debate. Debate este que deveria ser engajado, embasado a partir das leituras e muito processo formativo. A lei 10.639/03 que determina o ensino de história e cultura africana e afro brasileira nas instituições de ensino públicas e privadas, era nossa aliada, nos mantivemos agarrados a ela! E a partir de então começávamos a pesquisar algumas realidades escolares e seus diferentes cenários. Sabemos que a referida lei é um dos ganhos significativos dos movimentos sociais, mas em nossas análises constatamos que o poder público tem enfrentado dificuldades em dar cumprimento à mesma, que como já foi dito preconiza a obrigatoriedade do currículo escolar em abordar e desenvolver conteúdos ligados a história e cultura africana e afro brasileira. Com base em nossos diálogos com estudantes, professores e demais integrantes da comunidade escolar, temos identificado que, em sua maioria, os docentes apresentam pouco domínio dos temas, alta resistência em trabalhar com eles e que ações realizadas nesses temas são esporádicas. Esses problemas implicam uma exposição pouco frequente a referências negras positivas para os estudantes no processo ensino-aprendizagem, o que corrobora para manutenção da cultura do racismo na escola. Como citei no início, a arte pode ser um veículo de conscientização e mudança ou de permanência, pois ao mesmo tempo em que pode ocultar ou evidenciar o racismo, pode ser uma ferramenta para mantê-lo. Minha escolha tem sido a do combate. Desenvolver um trabalho em que a representatividade artística, e exemplos positivos sejam inseridos no cotidiano escolar é um fator que contribui para educar os sujeitos quanto às relações étnico-raciais.

Por ser ator e educador, acredito em uma realidade escolar onde ocorra diálogo com a arte e suas múltiplas possibilidades, o que pode auxiliar no desenvolvimento eficaz e significativo da aprendizagem. Nesse caso uso o exemplo das artes cênicas, e a experiência do Teatro Experimental do Negro, que foi criado por Abdias do Nascimento nos anos de 1940, em sua volta para o Brasil, mais especificamente para o Rio de

¹ Programa de Educação Tutorial (PET). Grupo que trabalhava a tríade ensino-pesquisa-extensão sob a orientação do Profº Drº Amílcar Araújo Pereira. Estive como integrante deste grupo de pesquisa de 2011 a 2015.

Janeiro. Valorizar os sujeitos de pele negra era uma tarefa difícil, uma vez que esta população vinha até então, mesmo no período pós-abolição, sofrendo com o descaso e a marginalização, fazendo-os crer que determinados espaços não dialogavam com suas trajetórias, ficando assim, os sujeitos de pele negra, à margem da sociedade. O desejo de seu fundador era fazer com que o negro fosse valorizado na vida social. Com a responsabilidade de combater esse fenômeno social (racismo), Abdias entendia que para isso a educação deveria ser o seu ponto de partida.

A escola é um lugar que potencializa a construção e desconstrução de conceitos e ideias. Este também se constitui como um espaço de disputa, onde os saberes são selecionados e atendem a interesses de grupos, em diferentes épocas, contextos e espaços de diálogo. Sendo assim os saberes escolares da década de 1940, em comparação aos dos anos 2017, se resignificaram e atendem aos interesses dos grupos desta época, mas a grande questão é entender quais são os grupos atendidos e quais são as histórias e as culturas valorizados no lugar de fala dos sujeitos.

Entendemos que o racismo na cultura brasileira é uma prática humana negativa e nociva, não poderíamos dialogar, de igual pra igual, no combate a este fenômeno, sem antes haver *a priori*, entendimento do processo racial, por estes personagens, e *a posteriori* um imediato engajamento na causa dos problemas da população negra. Os afrodescentes estavam imersos em uma sociedade sem elementos de pertencimento, ainda que produzissem cultura, por diversas vezes, e em diversos momentos históricos, grupos existentes na sociedade tentavam negar sua existência. Entender esse mundo, e quais eram as implicações do pertencer à “raça”² negra na sociedade brasileira, era entender que a luta dependia da união, esforço e dedicação de todos. A educação desses sujeitos seria, à época, *nosso*³ maior desafio, e mesmo assim não nos deixamos abater. O conhecimento é a principal arma para liberdade.

² Quando cito o termo RAÇA, entendo que não há uma raça biológica que seria superior a uma outra, o que há é uma “raça social”.

³ Escrevo aqui em primeira pessoa do plural, pois me incluo dentro desta narrativa. É como se a trajetória de Abdias, e tantos outros personagens negros da história do Brasil, em diversos momentos, dialogassem com minha própria história de vida. Meu lugar de fala, originalmente, é de um pesquisador que mira o objeto, tentando analisar e perceber seus problemas, pensando em possíveis soluções, mas todo este histórico me atravessa de modo significativo, o que me torna um narrador-pesquisador.

Quando olhamos para a sociedade brasileira, ainda percebemos inúmeros casos de racismo. A internet tem sido o lugar de muita intolerância e exemplos de casos em que indivíduos demonstram ódio, raiva, e apresentam posicionamentos sem nenhum tipo de receio. Sendo assim, o que se apresenta diariamente aos nossos olhos e tem sido tema nos telenoticiários, e nos jornais de circulação da cidade, é a falta de respeito à diferença, à diversidade, ao próximo.

É na escola que este indivíduo se relaciona com seus diferentes, assim como na família, e em outros espaços anteriores a socialização que ocorre dentro dela. É nela também que o respeito à diversidade deve ser apresentado e incentivado, e o conceito de alteridade deve ser entendido por todos como ferramenta para mudança do *status quo*. O Estado democrático deveria ser um lugar de mais autonomia, liberdade e direitos. Há um estigma histórico que marca os sujeitos de pele negra, e é como cita SOUSA SANTOS (1997), “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito de ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza”. As instituições de ensino sejam elas privadas ou públicas, populares ou formais, devem ser pensadas como um lugar de questionamento, de troca mútua, lugar da *dodiscência* (FREIRE, 1996), mas sabemos que com o passar das diferentes épocas a escola vem se tornando o lugar do *transbordamento* (NÓVOA, 2007) por atribuírem a ela o dever e a responsabilidade da resolução dos mais diferentes problemas sociais; ou seja, desenvolvimento de competências, a conclusão de metas e espera de resultados satisfatórios, o que aumenta a disputa entre os pares e reitera a ideia de meritocracia. Mantém-se o imaginário de que esse espaço dará conta de todas essas questões, o que nos leva a perceber equívocos inerentes a ela, e a mentalidade social. A escola também deve ser vista como lugar seguro, da compreensão, da descoberta, da autonomia, do carinho, da felicidade, e da aprendizagem.

Mas de que maneira tem sido pensado o universo escolar das classes populares? Quais são os referenciais usados para pensar a história de personagens negros que lutaram e lutam por uma sociedade menos desigual? Se antes os sujeitos de pele negra tinham problemas no acesso, hoje com o processo de democratização do acesso ao ensino vemos que os números representados por estes indivíduos no acesso a estes espaços vêm aumentando, e o desempenho dos cotistas vêm superando os de ampla

concorrência, não só ao ensino regular, mas também vemos índices significativos no campo do ensino superior.

O seguinte trabalho se constitui como um trabalho de pesquisa-ação. Detive-me a uma análise biográfica da obra de Abdias Nascimento, parafraseando com outras obras, como por exemplo, DÁVILA (2006), onde neste texto o autor discorre sobre questões sociais e raciais que refletiam nas práticas e modelos pedagógicos que foram estruturados no período pós-abolição (1917 – 1945).

Meus objetivos consistem em entender a sociedade e suas políticas educativas no período do século XX; compreender práticas pedagógicas antirracistas; analisar as possíveis relações entre arte e racismo; verificar experiências teatrais que estejam relacionadas a questão racial; compreender a formação do Teatro Experimental do Negro (TEN); apresentar o MOVANOS Movimento Nosso como uma iniciativa de combate ao racismo nas escolas públicas e privadas.

Trarei questões a seguir que considero complexas. O tema de meu trabalho é sobre o TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO e a sua contribuição para construção de um legado histórico significativo às pessoas negras, e como isso corroborou para formação de políticas educacionais a favor desta mesma população, e fez gerar outras iniciativas que trabalham no desejo de combater o racismo presente na escola e na sociedade como um todo. Quando me refiro à complexidade do tema, falo de inúmeros fatores que não me deixam tratar de meu tema isoladamente. O surgimento deste e tantas outras instituições e iniciativas se dão por conta das desigualdades que eram e são existentes na sociedade. Sendo assim, é necessário entender como se deu a construção de alguns processos históricos na sociedade brasileira dos séculos XX e XXI.

No capítulo 1 apresento a questão política existente em nossa sociedade para os sujeitos negros e como o modelo de educação pública à época reforçou as práticas racistas que são presentes até a realidade atual. No capítulo 2 veremos a experiência do Teatro Experimental do Negro (TEN) e seus processos educativos na busca de uma pedagogia para as relações étnico raciais na tentativa de romper com essa realidade até então estabelecida. No capítulo 3 trago exemplos de práticas pedagógicas antirracistas e a formação do MOVANOS – um empreendimento social criado por Luter Ângelo e

Hudson Batista, que desenvolve em escolas e grupos de teatros um trabalho pedagógico que busca combater o racismo na sociedade.

CAPÍTULO 1

Questão política e seus reflexos na sociedade brasileira do século XXI

Por inúmeras vezes, em rodas de conversa de bate papo informal com alguns amigos, já citei o nome de Abdias Nascimento⁴, mas muitos dizem não o conhecerem. Talvez por que não participem de atividades ligadas a movimentos sociais, ou nunca ouviram falar dos feitos significativos de entidades negras, ou também porque o fazer político⁵ se restringe ao sofá de casa quando assiste à televisão, limitando-se a dar atenção ao tema somente nos momentos das eleições que ocorrem na cidade. O histórico de alguns dos acontecimentos na sociedade brasileira para melhorias à população negra, ligados à atividade de nosso personagem, enquanto sujeito político, são muitos, e este não se detinha somente em tratar o tema em questão no momento de campanha política, mais do que isso, era um dever diário, cotidiano, e sua entrada na política era uma estratégia de irromper com a cadeia produtiva subalterna da população negra no Brasil. Durante as linhas deste capítulo entenderemos melhor o contexto em que se encontrara um dos personagens⁶ principais desta história.

Seu objetivo era abrir espaço e caminhos aos povos afrodescendentes no exercício da cidadania com sua cultura e identidade própria e contribuir para fazer justiça ao legado histórico dos povos africanos na construção do conhecimento humano, da tecnologia, da criação artística e da reflexão espiritual e filosófica (NASCIMENTO, 2014, p. 23).

Nesse trecho Elisa Larkim Nascimento, viúva de nosso personagem, apresenta a contribuição de Abdias Nascimento dentro do cenário político da sociedade brasileira. Anos após a criação do TEN (Teatro Experimental do Negro), Abdias foi deputado e senador dentro do PDT (Partido Democrático Trabalhista), e foi responsável pela

⁴ Abdias Nascimento nasceu em Franca, interior de São Paulo, no dia 14 março de 1914. De família humilde e remanescente de escravos, desde muito cedo sentiu na pele o racismo presente na sociedade brasileira contra a população negra. Não foi a toa que nosso personagem tornou-se um dos grandes ícones e responsáveis por ações de combate ao racismo. Mais do que isso, depois de diversos feitos significativos em vários setores do meio social, o nosso militante se firma dentro da política e passa elaborar leis, propostas a favor da população negra.

⁵ Lembrando que a ideia do conceito de política é ampla, não sendo somente o trabalho vinculado a partidos políticos. Política é a base da vida em sociedade, das relações e relacionamentos entre os sujeitos.

⁶ Quando uso o termo PERSONAGEM para classificar Abdias, me baseio na ideia de **arte** e **vida**. Como se esses dois lugares se entrecruzassem em muitos momentos. Ao ocuparmos cargos, ocupamos diferentes movimentos em nossa personalidade. Os estados são transitórios: somos o pai, o filho, o professor, o diretor, o ator, etc.

elaboração de importantes projetos de Lei, como: '*Manifesto*⁷ da Convenção Nacional do Negro à Nação Brasileira (1945)'; Projeto de Lei nº 1.332/1983 – Ação Compensatória; Projeto de Lei nº 1.550/1983 – Dia Nacional da Consciência Negra; Projeto de Lei nº 1.661/1983 – Racismo, crime de lesa-humanidade; Projeto de Lei nº 5.466/1985 – Dia Nacional da Empregada Doméstica em 27 de abril; Proposta de Emenda à Constituição de nº 38 de 1997 – Garante às comunidades quilombos os mesmos direitos fundiários às populações indígenas)⁸. Projetos esses que tempos depois ouviríamos falar, e ver-se efetivar dentro da sociedade.

Tanto no Senado como na Câmara dos Deputados, ele entendia sua missão de forma mais ampla e procurou deixar seu registro na forma de publicações, expressão artística e atividades desenvolvidas em outras searas. Quando senador, por exemplo, expôs as suas pinturas dos orixás e da simbologia africana no Salão Negro do Congresso Nacional e propôs que o Senado realizasse um concurso literário sobre o poeta João da Cruz e Souza na ocasião do centenário de sua morte (Idem, p.24).

Vemos hoje, o quanto tem sido feito para que haja a efetivação das leis aos sujeitos das classes menos abastadas. Mais do que isso, antes de qualquer movimento de desconstrução no imaginário das crianças, jovens, adultos, negras e negros, devemos pensar a escola como um espaço de formação, onde o aluno, seja ele pertencente a qualquer classe social, perceba a construção positiva de elementos que auxiliem no desenvolvimento da auto estima e formação de sua(s) identidade(s) negra(s), originado de nossos ancestrais e seus descendentes. Entendamos de uma vez que a África se constituiu enquanto um largo continente (há também o país África do Sul), e que foram muitos os países africanos que compuseram o processo diaspórico até a chegada da diversa população negra ao Brasil, ou seja, não mais resumamos a África a estereótipos pitorescos, que insistem em confundir, esconder, negar, e apresentam o berço da humanidade de maneira pobre, triste, doente, na tentativa de deslegitimar um território

⁷ De todos os que cito, este não era um projeto de lei, e sim um documento que foi elaborado a partir da 'Convenção Nacional do Negro', que no ano de 1945 ocorreu na cidade de São Paulo e em 1946 aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. Essa Convenção gerou a produção de um 'Manifesto à Nação Brasileira', que incluía reivindicações de direitos à população negra, como Educação: admissão de estudantes negros em instituições de ensino secundário e universitário – comparativo com a política de cotas; o combate ao racismo através de medidas culturais e de ensino; esclarecimento da verdadeira imagem histórica do negro – comparativo a lei 10.639/03. Esse documento foi enviado a todos os partidos políticos, pois em 1946 houve uma assembleia nacional para elaborar uma nova Constituição. Tais propostas foram rejeitadas, sob alegação, de alguns grupos, de que com isso restringiríamos o sentido mais amplo da democracia.

⁸ Todos os projetos de lei que foram desenvolvidos encontram-se na parte 2 do livro '**Abdias Nascimento – Grandes Vultos que honraram o Senado**', escrito por Elisa Larkin Nascimento em 2014.

rico em cultura e bens materiais. A escola deve ser um espaço que compreenda melhor a relação deste território com o nosso país. Como proposição para diminuição das desigualdades e preconceitos, dentro da escola e posteriormente na sociedade, temos o trabalho da lei 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino de história africana e afro-brasileira em instituições públicas e privadas. A lei tem sido uma tentativa de trazer o debate racial no Brasil, mais especificamente no cenário educacional, uma vez que a cultura brasileira do século XX, e alguns de seus personagens, senão a grande maioria da sociedade, acreditavam que vivíamos o que chamaram de ‘democracia racial’:

Para eles, poderia existir no Brasil um ou outro “psicopata” com atitudes racistas, mas “Graças a Deus [...] a imensa maioria dos seus habitantes vive fraternalmente, sob o ambiente da mesma camaradagem, confraternizando, sem discriminação de espécie alguma”. Os parlamentares costumavam destacar “reiteradas vezes desta tribuna” que o Brasil é “um País por excelência democrático em seu sentido amplo e profundo. Aqui não existe discriminação de raças; aqui todos vivem na mais perfeita harmonia”. Alegavam que não existe, no Brasil, a discriminação racial, mas apenas a “social”, isto é, a de classe (Idem, p.31).⁹

Reiterando a questão, PEREIRA (2012) analisa elementos presentes na sociedade à época que reforçavam a ideia de democracia entre as raças:

A democracia racial, muito associada ao clássico livro de Gilberto Freyre publicado em 1933, *Casa-grande & senzala*, tornou-se o centro da construção da própria identidade nacional na primeira metade do século XX. Durante o regime militar, quando se constituíram as primeiras organizações do movimento negro contemporâneo, por exemplo, o quesito ‘cor/raça’ foi retirado do Censo demográfico do IBGE, e o Brasil se apresentava em todos os fóruns internacionais como uma verdadeira ‘democracia racial’ (p.112).

Como contribuição ao que há anos atrás tentavam “tapar com a peneira” apresento a música de Caetano Veloso e Gilberto Gil, *Haiti*, que bem retrata as relações raciais no território nacional:

Haiti

*Quando você for convidado pra subir no adro
Da fundação casa de Jorge Amado*

⁹ O uso das aspas em algumas palavras servem para indicar que estes discursos foram ditos por pessoas ligadas a Câmara dos Deputados, como por exemplo: Feu Rosa (ARENA – ES); Antônio Bresolin (MDB – RS); e Anani Dzidzienyo.

*Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se os olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque, um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária
Em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada:
Nem o traço do sobrado
Nem a lente do fantástico,
Nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo...
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui
E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um saco
Brilhante de lixo do Leblon
E ao ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui*

Poderia utilizar apenas um trecho de apresentação da música para articular com a discussão, mas percebo que a composição de Caetano e Gil é o reflexo das representações do período histórico, e suas diferentes relações de raça. Sabemos que em sua maioria, tanto nos dias de hoje, ainda mais as margens daquele tempo: Os pobres eram sujeitos de pele negra.

[...] De acordo com o padrão de comportamento das altas camadas da sociedade brasileira, os parlamentares ficavam indignados diante de qualquer afirmação da existência de racismo no Brasil e inflamadamente se defendiam contra a percebida agressão pessoal intolerável contida, para eles de forma implícita e irrevogável, em tal afirmação. A esquerda ideológica costumava partilhar esse mesmo padrão de comportamento, arguindo ainda que lutar contra o racismo seria dividir a classe operária e prejudicar a revolução (NASCIMENTO, 2014, p.31).

O racismo é um fenômeno social, marcador histórico dos sujeitos de pele negra que viviam no Brasil e se mantém presente até os dias de hoje. O modo ‘coisificado’ e subserviente aos quais os escravizados eram tratados ainda persistiriam na mentalidade da população, mesmo depois do período que ficara marcado pela “Abolição da Escravatura”.

Escravizados durante a maioria desse tempo em função de sua negritude, no período republicano eles foram excluídos da nascente economia urbana industrial erguida com base na importação de mão de obra europeia com o objetivo explícito de embranquecer a população. Os negros sofriam com a falta de acesso à educação, emprego, moradia, serviços de saúde e meios de subsistência em razão da discriminação racial motivada pela mesma ideologia que buscava “melhorar a raça” da população do Brasil. A própria Constituição Brasileira incorporou o ideal de eugenia¹⁰, e, de acordo com lei promulgada em 18 de setembro de 1945, a política imigratória do Brasil visava atender à “... necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia”¹¹ (Idem, p.32).

Como podemos ver, a partir da data citada no trecho acima, a política imigratória ganha força e incentiva a entrada de europeus no país, de modo a modelar a composição étnica da população, mas veremos mais a frente que a criação do TEN é anterior, e se deu no

¹⁰ Teoria que buscou produzir relação nas coletividades humanas; leis genéticas. É o que chamavam de bem-nascido, que tem origem nobre, de boas origens. Foi um termo criado por Francis Galton em 1883.

¹¹ A autora faz o uso de aspas em alguns períodos, pois se refere a trechos de artigos ligados a Constituição do Brasil no período das décadas de 1930 a 1945.

ano de 1944. O Estado Novo estava às vésperas de seu fim, a Segunda Guerra seria também um dos principais assuntos. Percebiam o quanto desfavorável era o cenário para criação de um grupo onde se tratava a questão da valorização identitária negra. Se de um lado incentivam a entrada de sujeitos de pele branca no país, negando a existência e importância dos sujeitos que aqui estavam presentes (indígenas e africanos), de outro tínhamos uma organização que lutava pela valorização da cultura negra e que teve de se manter forte, pois a sociedade negava a existência do povo negro. O que seria um grupo teatral que como reivindicação primeira lutara pela valorização desta raça que por eles acreditavam ser sem importância e inferior?

Muito mais do que afirmar a presença de racismo na sociedade, o que é inegável, pois era uma questão de força cultural e estava intrínseca. Seja na internet, dentro de uma loja de roupas, ou dentro de um supermercado, ou até mesmo em salas de aula. As pessoas não cansam de destilar suas ofensas racistas, e muitas das vezes são termos que já foram naturalizados, e estes que os reproduzem não o percebem, nem veem com bons olhos e o não percebem que reforçam. Esses termos caem, em muita das vezes, no lugar do afetivo. O que se deve propor é uma releitura dos currículos escolares. É a partir deles que iremos propor a mudança significativa no imaginário popular. A escola, e posteriormente outros espaços, deve ser o lugar de proposições de temas que valorizem a história do negro no Brasil. Sobre essa questão PEREIRA (2012) diz:

A relação com a questão da educação e, mais especificamente, com a história ensinada nas escolas como parte da luta do movimento negro “pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil” é evidente em muitos momentos e em diferentes lugares. E a luta nas escolas, como estratégia privilegiada para atingir esse objetivo, foi frequentemente em grande parte do território nacional, principalmente a partir da década de 1980. Bem antes, a Frente Negra Brasileira (FNB), criada em São Paulo em 1931, e o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado na mesma cidade em 1944, duas das mais importantes organizações do movimento negro na primeira metade do século XX, já contavam com escola em suas dependências para alfabetizar e instruir pessoas negras (p.114).

A Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN) são exemplos de iniciativas que considero marcadores de um momento da história da população negra no Brasil, que podemos dizer ser o ‘divisor de águas’ na vida de muitos sujeitos. No

próximo capítulo trarei mais detalhes sobre essas duas organizações sociais formadas por Abdias Nascimento e seus companheiros, ainda no século XX à luz dos anos de 1930.

1.1 O Brasil e suas identidades

Poucos sabem, mas depois da Nigéria somos a segunda maior população negra existente no mundo. Segundo MÜLLER (2006), o Brasil destaca-se no cenário internacional como uma sociedade marcada pelos piores índices de desigualdades sociais, e muitas dessas desigualdades são atribuídas ao racismo internalizado nas nossas relações sociais. Muitos de nós, ao sermos perguntados sobre o racismo, diremos de prontidão que não somos racistas e que isso no Brasil já se passou. Aquela velha máxima de que com os anos, ao fim da escravidão, a ideia do negro inferiorizado, marginal e animalizado passaria. O século XIX ficara marcado como um período de grandes preocupações às elites brasileiras, pois se discutia o futuro do país sob a ótica racial.

Essas teorias afirmavam que a espécie humana estaria dividida em raças hierarquicamente dispostas: os brancos, a raça mais adiantada, estaria no ápice por suas qualidades morais e intelectuais; os amarelos viriam em segundo lugar; e, ao final, os negros, que não teriam disposições morais nem intelectuais, só servindo para ocupações que necessitassem de força física (MÜLLER, 2006, p. 106).

Como citei anteriormente, ao fim do século XIX, chega-se ao que chamamos de ‘Teoria do Branqueamento’. Defendia-se a necessidade e incentivo de imigrantes brancos, e europeus, o que contribuiria na mudança étnica da população nos regiões do Brasil.

Os pressupostos eugenistas assentavam-se nos apontamentos da “teoria da degenerescência”, uma concepção muito em voga nas últimas décadas do século XIX e que persistiu no meio médico brasileiro até a década de 1940 do século passado. Defendia-se que “os mestiços, por terem herdado os defeitos de negros e brancos, terminariam por desaparecer”¹². Além do mais, os psiquiatras brasileiros, principalmente os cariocas, acreditavam que os negros e mestiços eram mais sujeitos a disfunções mentais (Idem, p. 108).

¹² Ver Sydney Chaloub (Citado por MÜLLER, 2006).

Estes exemplos e fatos citados reforçavam a crença na ideia de inferioridade na raça negra na sociedade brasileira. Como vemos havia toda uma cultura da elite nacional que estava disposta a catequizar a mentalidade e o imaginário da sociedade àquela época. A começar pelas crianças, pois acreditavam que a escola evitaria a degeneração da raça. Como os Padres Jesuítas fizeram com os indígenas quando aportaram em solo nacional, fazendo-os engolir goela abaixo a cultura e os hábitos de uma Europa que ascendia nas ocupações de terras pelo mundo. Segundo MÜLLER (2006) no início do século XX a teoria do branqueamento estava suficientemente popularizada. A discussão que se travou durante toda a Primeira República girou em torno de como institucionalizar esse projeto de nação que conferia a negros e indígenas um lugar social subalterno, uma cidadania de segunda categoria.

Como podemos observar a escola aparece como espaço da construção da identidade nacional, ou a maneira de compô-la, debruçava-se em reestruturar a ordem da sociedade, determinando a maneira de pensar sobre a realidade que se pretendia formar no Brasil com as diferentes transformações que vinham ocorrendo. Vê-se que a mesma catequese pretendida pelos Jesuítas agora estava se dando em outros moldes. Moldes injustos e cruéis, que se legitimavam na composição das instituições de ensino que se formavam à época, uma vez que agora não se detinham somente na prática de aculturação das mentes e sujeitos. Desejavam “varrer” a população negra e indígena da história do país.

Em 1944, no auge do Estado Novo e da participação do Brasil na guerra contra o fascismo na Europa, uma jovem de descendência indígena chamada Jacyra tornou-se centro de uma discussão pública sobre a natureza do racismo no Brasil. Seus pais adotivos tentaram matriculá-la na escola das Irmãs Notre Dame. Quando as freiras que dirigiam a escola recusaram sua admissão porque ela não era branca, seus pais e defensores, irritados, levaram sua indignação à imprensa (DÁVILA, 2006, p. 17).

No caso explicitado pelo autor, que tomou grande repercussão na época, podemos perceber o retrato de sociedade que nos aguardava no período pós-abolição. Como o caso de Jacyra ocorreram muitos outros. Durante a análise de alguns jornais de imprensa negra (NASCIMENTO, 1948, JORNAL QUILOMBO), vemos casos de denúncia como este que acabamos de citar. “No Brasil não obstante a “ausência oficial” do preconceito de

côr, nós o sentimos em diversos setores. É comum, quando se diz que em determinados educandários não é permitido ao jovem de côr se matricular, surgirem os acomodados dizendo enfaticamente:“ – A questão é simplesmente econômica. Se o negro tiver dinheiro poderá estudar onde lhe aprouver”¹³. Sabemos que davam como justificativa a questão econômica, na tentativa de negar a ação racista, mas no caso da menina Jacyra, seus pais adotivos eram brancos e se a tentaram matricular nesta escola, podemos pressupor que dispunham de condições financeiras.

1.2 O Racismo e a Educação Pública do século XX

Embora a experiência de Jacyra envolvesse uma escola particular, esse incidente e debate refletem o papel paradoxal da raça nas escolas brasileiras (DÁVILA, 2006, p. 21).

“Havia um país chamado Brasil; mas absolutamente não havia brasileiros (Saint-Hilaire, 1974 *apud* GONDRA, 2008. p.18)” essa é uma daquelas frases que lemos ou escutamos em determinados momentos da vida e que não saem nunca mais da cabeça. Foi o que me ocorreu quando ouvi essa frase em uma das aulas de História II, ainda na graduação, quando falávamos do tema de educação de crianças no pós-abolição. Nessas aulas discutíamos o papel da educação no modelo de sociedade que estava por se formar. Surgiam nesse momento escolas públicas, liceus, instituições de ensino primário, secundário e superior. As preocupações do governo estavam relacionadas com a formação do povo, mas em moldes elitistas. As forças educativas eram o Estado, as Igrejas e a sociedade civil. O Estado tinha o papel importante na construção do modelo de educação do país, pois assumira o princípio da gratuidade para o ensino elementar.

Os dirigentes da educação pública no Brasil na primeira metade do século XX se empenharam em uma série de expansões do sistema escolar e em projetos de reforma que visavam a tornar as escolas públicas acessíveis aos brasileiros pobres e não-brancos que, na virada do século, eram, em sua ampla maioria, excluídos da escola. (...) As elites brasileiras da primeira metade do século XX tendiam a acreditar que os pobres e não-pobres eram, em sua grande maioria, degenerados. (...) Definiram (médicos, científicos e científico-sociais) as escolas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados. Suas crenças forneceram um poderoso motivo para a construção de escolas e moldaram a forma como essas escolas

¹³ COSTA, Haroldo. *Queremos Estudar*. Jornal QUILOMBO – 1948 a 1950 - p. 4.

funcionariam. (...) essas políticas não só colocavam novos obstáculos no caminho da integração social e racial no Brasil como deixavam apenas pálidos sinais de seus efeitos, limitando a capacidade dos **afro-brasileiros** de desafiarem sua injustiça inerente (DÁVILA, 2006, p. 21 e 22, grifos meus).

Se procurarmos analisar o trecho inicial desta citação veremos que questões contraditórias pairavam sobre as atitudes dos dirigentes e responsáveis da educação pública do país. De um lado classificavam os negros como degenerados, raça “atrasada”, mas de outro se preocupavam em ampliar o sistema e incluí-los nos espaços públicos de formação. Esse trecho que destaco da obra de DÁVILA (2006) reitera o que disse SAINT-HILAIRE (1974), pois como podemos perceber a tentativa de definir-se uma identidade dos sujeitos que compunham a população nacional era uma tarefa um tanto desafiadora, pois uma vez definida e cumprida “a missão de aculturação ou re-aculturação”, seria esse o retrato apresentado do Brasil. Era nesse cenário, marcado pelos anos da década de 1940 que Abdias criara o TEN (Teatro Experimental do Negro), era essa a sociedade em que o negro estava tentando se legitimar e garantir sua existência. Atitudes como esta são representativas se formos pensar a sociedade de hoje. Como já citei, muitos acreditam que o racismo é algo que não existe, que a questão já foi vencida. A sociedade prova o contrário, a escola prova o contrário. Nós pobres e sujeitos negros viramos massa de manobra nas mãos daqueles que detém o poder, uma vez que a informação não é apresentada ou esclarecida para nós que ocupamos as classes populares, sendo assim, trechos, e histórias como estas devem ser discutidos nas salas de aulas com alunos e professores.

A tarefa em mãos, então, era encontrar novas **formas de criar brancura**. Assim, dotados da incumbência de **forjar um Brasil mais europeu** e presos a um censo de modernidade vinculado à brancura, esses educadores construíram escolas em que quase toda a ação prática estabelecia normas racializadas e concedia ou negava recompensas com base nelas.

Para os educadores brasileiros e sua geração intelectual, raça não era um fato biológico. Era uma metáfora que se ampliava para descrever um o passado, o presente, o futuro da nação brasileira. Em um extremo **a negritude significava o passado**. **A negritude era tratada em linguagem freudiana como primitiva, pré-lógica, infantil**. Mais amplamente, **as elites brancas equiparavam negritude à falta de saúde, à**

preguiça e a criminalidade. A mistura racial simbolizava o processo histórico, visualizado como uma trajetória da negritude à brancura e do passado ao futuro. Na década de 1930, os brasileiros brancos podiam celebrar a salvo a mistura racial porque viam como um passo inevitável na evolução da nação. A brancura encarnava as virtudes desejadas da saúde, cultura e modernidade (Idem, p. 25, grifos meus).

Quando falei da complexidade que é tratar de uma questão como esta, não estava dramatizando. Entender os processos de formação da sociedade, ao “fim da escravidão” é fundamental para pensarmos o que é a luta dos Movimentos Negros quando tratam da inserção do sujeito do negro de modo significativo na vida social. Faz-nos entender o motivo da promulgação de leis para os negros, como tratei no início deste capítulo. Quando trago questões e trechos desses autores, quando falam do tema sobre a educação e o racismo, estou justificando quem foi Abdias e todos os seus feitos pela população negra do século XX e seus reflexos no século XXI. A criação do TEN, da Frente Negra, da sua entrada na política nacional, dialogava com esse passado de desigualdades e negação por quem passou e ainda passa toda a população negra. Entendo que desfazer esse lugar cultural em que o negro foi posto durante todos esses anos, ainda é um grande desafio.

No próximo capítulo abordarei questões que rondam a criação do TEN e sua importância no período em que foi desenvolvido, e como as aulas de alfabetização que este grupo oferecia contribuiu e legitimou processos educacionais pensado para pessoas negras e pobres.

CAPÍTULO 2

O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO e sua pedagogia antirracista

Criado em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado, fundado e dirigido por Abdias Nascimento, teve como objetivo a valorização do negro pelo teatro e a criação de uma nova dramaturgia (BATISTA, 2015, p. 149).

Ao final dos anos de 1930, nosso personagem encontrava-se no seguinte contexto: O lugar era a cidade do Peru, viagem que fizera acompanhado de amigos¹⁴, mais especificamente no Teatro Municipal de Lima, capital da cidade. Nessa ocasião Abdias assistira ao espetáculo “*O imperador Jones*” (O’NEILL, 1964). Enquanto assistia ao espetáculo teatral Abdias chocara-se ao presenciar o seguinte fato: havia um ator branco em cena, pintado com tinta preta, para representar o personagem de destaque, ou seja, o protagonista da história. Aqui registramos um dos mais significativos exemplos de ‘black face’ da história do teatro, em especial do Teatro Negro, pois esse fato seria lembrando inúmeras vezes na fala e nos escritos de nosso personagem, fazendo com que este caso se tornasse assunto internacional. Ao tratarmos da história cronológica do negro no teatro brasileiro, esse exemplo seria usado como estopim, o pontapé para a criação do TEN (Teatro Experimental do Negro). A criação do TEN, e sua importância para a época estaria atrelada a trajetória de luta contra o racismo entendida pelo seu idealizador. Reitero e acredito que a arte tem o poder de mudar, ou ressignificar nossos olhares sobre os muitos acontecimentos na sociedade. É como se apresenta neste caso. Abdias estava dentro de um teatro, assistindo a um espetáculo teatral, e o espetáculo dialogou com sua percepção da realidade. Fora a cena teatral que o despertara, era também agora na cena teatral que ele entenderia a ausência de artistas/atores negros e o lugar marginal ou subserviente ocupado por esses mesmos sujeitos. E também seria nesta mesma cena teatral que a partir de então, com a criação do TEN, ele faria o contrário. É claro que um fato como este não reduz a este momento somente a trajetória de nosso personagem. Abdias já se politizara e tomara consciência de seu papel tempos antes.

¹⁴ Santa Hermandad – grupo de poetas com os quais Abdias do Nascimento viajou por algumas cidades da América do Sul. O grupo era composto por: Efraín Tomás Bó, Godofredo Tito Iommi e Raul Young, argentinos, e o brasileiro Napoleão Lopes Filho.

O Teatro Experimental do Negro foi à criação de um espaço político-sócio-educacional que ajudou na tentativa de reverter o quadro desigual das relações raciais que eram presentes em nossa sociedade. Era um movimento-teatral, espaço-político, educacional que tinha por objetivo emancipar a população negra. Sendo assim, a criação do Teatro Experimental do Negro, não se dá somente pela ideia de produção de espetáculos, mais do que isso, com a criação do Teatro do Negro, o que se pretendia era a valorização dos elementos culturais da cultura negra, afirmando sua presença na sociedade e a denúncia aos casos de racismo. Pensavam em criar consciência racial nesses sujeitos; fazê-los conhecedores de seu legado histórico, validando e potencializando esse legado; e dando instrução àqueles que necessitavam. Esse desejo de emancipação e autonomia dos ‘sujeitos de côm do século XIX’, começam por iniciativas que datam o período final da década de 1930, quando Abdias organiza o Congresso Afro-Campineiro, em 13 de maio de 1938.

Destaco a dificuldade que é apresentar o histórico dessa organização em favor da causa negra, sem antes passar, de forma quase que detalhada, pela vida de Abdias do Nascimento. A história desse grupo se confunde com a trajetória de vida do idealizador. Em biografias produzidas (SEMOG, 2006; ALMADA, 2009) que apresentam os caminhos, e percalços pelos quais Abdias passou, ele narra que quando criança, no interior de Franca (São Paulo), nunca lhe foi permitido a representação em peças de teatro dos papéis de destaque em sua escola. Na juventude, foi preso e passou um período dentro do Carandiru, criando lá o Teatro do Sentenciado, onde produzia espetáculos com os presos. É importante destacar que sua passagem pelo sistema carcerário paulista se deu por envolvimento na luta contra o racismo. Ele narra que ocorreu a seguinte situação: Estavam ele e um amigo em um bar, e foram impedidos de dançar pelos garçons e pela gerência. Abdias e o amigo, inconformados, responderam ao ato racista, mas momento passava uma autoridade que quis tomar conhecimento do caso. Este foi a favor a equipe do estabelecimento, e com ele não foi diferente, chegaram às vias de fato. Abdias e o amigo foram detidos.

Nasce o TEN no final da Segunda Guerra Mundial (NASCIMENTO, 2014). O ano era 1944 e o dia era 13 de outubro, e posteriormente suas atividades começaram a ocorrer nas dependências de um espaço cedido pela União Nacional dos Estudantes (UNE).

No meio da intelectualidade brasileira dessa época, surgia um discurso crítico de esquerda disposto a romper com o posicionamento pretensamente apolítico da arte e cultura e revelar sua natureza conservadora. Na semântica dessa politização da cultura, as noções de “povo”, “nacionalidade” e “identidade” emergiam como questões vitais de um debate vigoroso que focalizava a reformulação daquilo que se entendia como identidade nacional (NASCIMENTO, 2014, p. 152).

Neste trecho podemos relacionar a questão trazida no primeiro capítulo, onde DÁVILA (2006), discute questões ligadas à políticas educacionais do início do século XX. Era nesse terreno de disputas por legitimidade de cultura e formação da identidade do homem brasileiro que o TEN nascia. Era este quadro sociopolítico que deveria ser reparado por Abdias e todos os seus aliados que contribuíram nessa iniciativa. O TEN foi a primeira organização do movimento afro-brasileiro a ligar, na teoria e na prática, a atuação política e valorização da cultura brasileira de origem africana: a perspectiva da negritude (NASCIMENTO, p. 152).

Quando falamos da questão pedagógica que estava presente nesta iniciativa, e é um dos pontos que mais nos interessa, sabe-se que o grupo oferecia aulas de alfabetização para negros e pobres. Vê-se que a questão partia de um problema da causa negra, mas não se restringia somente a estes, quando falamos de pessoas que estavam envolvidas ou foram atendidas e beneficiadas com esta organização. Como citei, o teatro foi o ponto de partida de nosso personagem para tratar da população negra, mas ao deparar-se com a realidade percebeu-se que as deficiências históricas dessa população eram anteriores a arte, ao teatro, a questão de importância era a educacional. Entre as pessoas que respondiam a essa convocação, muitas eram analfabetas. Para trabalhar, era preciso saber ler e escrever (CAETANO, 1946 *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 153).

Quando fundamos o Teatro Negro, ficou desde logo estabelecido que o espetáculo, a pura representação, seria coisa secundária. O principal, para nós, era a educação, e esclarecimento do povo. Pretendíamos dar ocasião aos negros de alfabetizar-se com conhecimentos gerais sobre história, geografia, matemática, línguas, literatura, e assim por diante (Idem, p. 153).

Sobre isto BATISTA (2015) diz o seguinte:

Em meio ao processo, a memorização dos textos para as encenações e espetáculos foi uma das dificuldades notadas por Abdias em seu corpo artístico. O TEN identificava na educação a primeira prioridade de ação para o povo negro (NASCIMENTO, 2008, p.122). Para lidar com essa problemática que envolve múltiplas dimensões e dívidas históricas criou-se as aulas de alfabetização para negros e pobres. Sua divulgação era feita em jornais cariocas da época e atraiu muitos favelados, operários, funcionários públicos, empregadas domésticas, e muitas outras pessoas de origem humilde. Foram cerca de 600 alunos que frequentaram as aulas cuja a coordenação era do professor Ironides Rodrigues e aconteciam num espaço cedido pela UNE (União Nacional dos Estudantes). As aulas eram de Português, História, Aritmética, Educação Moral e Cívica, e História e Evolução do Teatro Universal. E para incrementá-las tinha a presença de convidados que levavam temas para as discussões, como: História do Teatro, Decoração, Cenografia, Literatura Dramática e muitos outros. É importante destacar que o TEN não possuía uma perspectiva afrocêntrica, mas sim a pretensão da valorização do negro de origem africana em território nacional (brasileiro) (p. 149).

Uma das grandes questões que causaram muito debate à época era a questão de escolha do nome do grupo - TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO – TEN. Quanto a isso, NASCIMENTO (2014) diz o seguinte:

A afirmação sem eufemismo de uma identidade negra soava algo sacrilégio, vagamente difamatório da cultura nacional e nocivo ao bem da Pátria. De certa forma, era esse mesmo o objetivo da não desistência do nome Teatro Experimental do Negro: chocar, afirmando a identidade do grupo e assim **lançando um desafio aberto à hegemonia do padrão branco ocidental**, que no Brasil se expressava no linguajar da mestiçagem. Definir seu nome foi uma estratégia semântica do TEN: **reverter a carga negativa da palavra para brandi-la qual arma simbólica a denunciar a hipocrisia do insulto e construir um novo sentido, positivo e afirmativo, a sustentar uma identidade impregnada de conteúdos históricos e culturais resgatados da negação imposta pela cultura hegemônica** (p. 155, grifos meus).

Nesses trechos em destaque, vemos o diálogo existente entre a ideia de que era necessário se desfazer a crença cultural de que o negro estava ligado ao passado do

Brasil, era algo primitivo, como vimos e foi discutido no primeiro capítulo. Romper com esse imaginário racista, de reforço da inferioridade das pessoas de pele negra, era também uma das causas de potencial educativo dessa iniciativa.

2.1 A Estreia do TEN

O imperador Jones era a melhor alternativa e a mais imediata naquele momento. Foi assim que, por não encontrar um texto que desafiasse todas aquelas ambições, o grupo que formava o TEN decidiu pela montagem da peça (SEMOG, 2006, p. 130).

O grupo estreou em 8 de maio de 1945, mas em grande estilo, pois a estreia foi no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com a autorização de Getúlio Vargas, presidente do Brasil na época. Encenaram a peça de Eugene O'Neill, que com muito apoio e carinho ao grupo cedeu a permissão para que a peça fosse encenada isentos de qualquer direito autoral.

O Imperador Jones, que conta a história de um garção de estrada de ferro que aprende com os brancos dos trens de luxo a jogar, roubar, simular e matar. A direção foi de Abdias Nascimento, os cenários de Enrico Bianco e o elenco foi encabeçado por Aguinaldo de Oliveira Camargo (personagem Brutus Jones), cujo desempenho foi saudado pela crítica como excepcional. O elenco era composto por pessoas de profissões distintas, o advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo; o pintor Wilson Tibério; Teodorico dos Santos e José Herbel. A estes se juntaram logo depois o militante negro Sebastião Rodrigues Alves; as empregadas domésticas Arinda Serafim, Ruth de Souza, Léa Garcia, Marina Gonçalves; o jovem Claudiano Filho; Oscar Araújo, José da Silva, Antonieta, Antonio Barbosa, Natalino Dionísio e tantos outros. Em sua maioria não eram atores nem atrizes, mas depois da entrada no grupo teriam suas vidas mudadas (BATISTA, 2015, p. 149).

Abdias conta que a peça teatral foi feita debaixo de um *milagre econômico*, pois o grupo não obtinha de recursos financeiros. Contaram também com a solidariedade a parceria de algumas pessoas brancas, que conseguiam respeitar e a autonomia e compreender as propostas do TEN (SEMOG, 2006, p. 131). A história se repetira, mas dessa vez em outro contexto. O texto de encenação era o mesmo, e o *Theatro* também era Municipal, mas estávamos na cidade do Rio de Janeiro. O que também se diferenciava era o

sentimento de seus organizadores e da equipe, e o negro deixara de ser personagem representativo a partir da tinta preta com atores brancos representando seus papéis, e ingressara em cena como ator, sujeito de potência que a partir de então interpretaria suas próprias histórias e seus próprios dramas.

2.2 Educação Antirracista

O Teatro Experimental do Negro, desde o primeiro espetáculo, se firmou como uma experiência pioneira e de grande envergadura. Mas a realização do espetáculo foi apenas uma parte do projeto do TEN. Falei que, além dos cursos sobre a história da África e outros cursos específicos, nós também ensinávamos a ler (SEMOG, 2006, p. 141).

O processo de alfabetizar pessoas pobres e negras se deu também como um processo que considero pioneiro quando falamos sobre os primeiros modelos do que seria a EJA (Educação de Jovens e Adultos) no Brasil. Infelizmente, apesar de haver algumas pesquisas do que foi o processo educativo desenvolvido pelo TEN, nas universidades e nos cursos de pedagogia, pouco se fala sobre o que teria sido esse modelo de educação. Meu desejo não é, e nunca será desmerecer as obras de Paulo Freire, que sabemos ser um dos principais teóricos e educadores quando falamos de educação popular para as massas trabalhadoras. Em muitos dos casos, as suas obras falam sobre a emancipação do homem na sociedade, como foi o caso do método de alfabetização dialético, visto em *Pedagogia do Oprimido* (1968), mas a linha que me atravessa ao tentar perceber diálogo nessa discussão, e a seguinte: Como podemos pensar um processo democrático de educação para as massas, sem antes vencer com os estigmas ligados ao racismo que em muitos dos casos, como apresentei anteriormente, impossibilitavam o negro de ascender para ocupar determinados espaços na sociedade, em especial, as escolas e institutos de educação? Vejo que não é só pensar a questão econômica (massa trabalhadora), mais do que isso, é necessário se pensar a cor de pele desses sujeitos, e de como se relacionam e se apropriam dos bens culturais que estão presentes na sociedade. O negro desse período histórico necessitava de representatividade (que também acredito ser um processo pedagógico), para se sentir seguro nas escolhas que desejava.

Um destaque importante na trajetória do TEN, que eu quero deixar registrado aqui, é que, embora a tendência natural dos outros grupos fosse de se tornarem companhias profissionais, esse não foi o nosso caso. Em alguns espetáculos, como *Rapsódia Negra*, por exemplo, as pessoas foram remuneradas, mas o Teatro Experimental do Negro sempre foi uma escola. Sempre atuamos como escola, como espaço de experimentação estética (SEMOG, 2006, p.142).

Existem formas de se pensar processos educativos e métodos de ensino que são construídos por pessoas nos mais diferentes espaço-tempo. A questão aqui seria exatamente esta. O TEN, como vimos, oferecia aulas de alfabetização, mas seu aspecto educativo ia além da sala de aula e do ato de apreensão da leitura e da escrita, que compõe os mais variados processos de ensino-aprendizagem. Seu modo de educação se debruçava em reeducar o modo como as pessoas pensavam ‘o sujeito negro’ nos mais diferentes assuntos e espaços da sociedade. Era um reeducar para as relações étnico-raciais. Entre negros e brancos. Como exemplo destacamos a criação do *Jornal Quilombo*, que como apresentei anteriormente foi um jornal de *Imprensa Negra* criado pelo próprio Abdias que contava com o auxílio de Guerreiro Ramos, Ironides Rodrigues, Edison Carneiro, Solano Trindade, entre outros. E como colaboradores tínhamos nomes como Nelson Rodrigues, Augusto Boal, Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Péricles Leal, Orígenes Lessa e Roger Bastide. Este era um dos principais órgãos de informação e divulgação do Teatro Experimental do Negro e das atividades que promoviam, e circulou de dezembro de 1948 a junho de 1950. Nas páginas do *Quilombo* eram apresentados eventos de valorização da beleza sobre a mulher negra (concursos como *Boneca de Pixe* e *Rainha das Mulatas*), anúncios de produtos, vagas de emprego, denúncia de casos racistas, e fotos de pessoas negras que conseguiam sua formação profissional; eram iniciativas proposta pelo TEN com o objetivo de elevar e trabalhar em seus discursos a auto-estima da população negra, e a estética da mulher negra. Desenvolviavam também ações como: Organizações de Mulheres Negras, Associação de Empregadas Domésticas, Conselho Nacional das Mulheres Negras.

O Ironides Rodrigues era o homem que ensinava aquela turma a ler; nós ocupávamos os salões da UNE para essas e outras atividades, a ponto de o pessoal da UNE se aborrecer e nos colocar todos pra fora, porque ocupávamos todo o espaço com as nossas atividades. Eram mais de seiscentos alunos, você já imaginou? Tinha mais aluno do Teatro Negro do que do

movimento estudantil; éramos um movimento muito grande. Nós tínhamos o Aguinaldo (Camargo), que dava aula de cultura geral; e tínhamos uma série de palestrantes que eram convidados, como por exemplo: a Maria Yedda, Raimundo de Souza Dantas, o poeta José Francisco Coelho, o ex-adido da embaixada americana Rex Crawford, e outros de que não me recordo o nome agora. Enfim, nós convidávamos muita gente para ir fazer palestras, porque era importante esse tipo de contato (SEMOG, 2006, p. 142).

Considero todas essas atividades exemplos de práticas educativas, pois serviam de subsídio e ajudavam a compor os aspectos educativos que estavam presentes nesse grupo. Era um educar-se para os traços fenótipos negros, educar-se na história de nossos antepassados, educar-se na possibilidade de ascensão social, educar-se no ato de entender seus direitos, ou seja, uma educação da população pobre e negra que pretendia esclarecer questões educacionais, artísticas, sociais e políticas. Esses processos educativos se constituíam como ensaios do que mais tarde se tornaria o trabalho desenvolvido através da Lei 10.639/03, sobre o qual falaremos melhor no 3º capítulo.

2.3 Um pouco do histórico do negro no teatro

Como citei no início deste trabalho, participei de um grupo de pesquisa que desenvolvia oficinas temáticas em uma das escolas que fora parceira de nosso projeto durante 5 (cinco) anos. Minha experiência com essas oficinas serviram de base para percepção do diagnóstico de como as pessoas, em especial as que estão presentes nas classes populares e são estudantes de escolas públicas, percebiam a questão racial na sociedade. Os temas que trabalhei versavam sobre a questão teatral e educacional presentes no trabalho de atuação do TEN, e de como criavam empatia a partir da apresentação dessas diferentes trajetórias. A questão racial era algo latente, pois era significativo o número de alunos negros e sabemos que o tema do racismo é pauta de inúmeros debates, seja na escola, na família, nas redes sociais e até mesmo na televisão. Muitos sabem/sabiam que o racismo é crime. Mas quem é racista? Quem assume a prática desse fenômeno social perturbador que atinge diariamente milhares de pessoas na sociedade em que vivemos? Eis a questão. Me detive a perceber como estes alunos classificavam a questão racial na sociedade. “*Pretinha, mulata, marrom bombom, moreninho*”. Em poucas vezes utilizavam o termo “*negro*”. Em diferentes os casos este (o termo *negro*) servia para

atacar nas brincadeiras vexatórias. A questão teatral. Tratar do ponto de lugar, território de ocupação dos sujeitos negros fora o meu pulo do gato. Muitos até então não se atentavam a perceber o lugar de cena dos atores negros, nem se questionavam sobre seus protagonistas, pois a questão já estava posta, já a tinha naturalizado. A referência presente em seus imaginários era a herança europeia, homens e mulheres de pele branca. Negros protagonistas? 1º grupo de teatro negro a se apresentar no Theatro Municipal da cidade? Abdias do Nascimento e sua luta pela população negra? Criminalização do racismo? Lei 10.639/03? Heróis negros? Todas essas eram questões que precisavam ser respondidas e compreendidas. Uma pena que informações privilegiadas como essas não se têm todo dia nem toda hora no cotidiano da escola. Aqui desatamos a construir reflexões que dialogam e justificam a importância de se tratar temas como esses no seio escolar. Como dizia Rousseau: *o homem nasce bom, a sociedade que o corrompe*. Vou além, me utilizando desse mesmo raciocínio, e acreditando que o homem nasce livre, mas a sociedade o torna racista. Se é esta sociedade que o torna racista, e esta mesma que terá a obrigação de combater esse racismo. Ou seja, podemos perceber que a crença na inferioridade da pele negra foi plantada, construída.

Aquilo que o professor Abdias Nascimento se propunha não era encenar autos natalinos iguais aos que os negros promoviam no século XVI, e que passavam por autos portugueses e franceses da Idade Média. Não era encenar peças folclóricas como congadas, taieiras ou o bumba-meu-boi, com grande influência negra, identificada nos personagens engraçados, que originaram os negrinhos das comédias de costumes (...).

O TEN não se contentaria com a reprodução de tais lugares-comuns, pois procurava dimensionar a verdade dramática, profunda e complexa, da vida e da personalidade do grupo afro-brasileiro (SEMOG, 2006, p. 130).

O negro precisou criar seu próprio espaço-drama¹⁵ para inserir-se em cena, pois até o momento anterior a criação do TEN, pelo menos no Brasil, não havia a presença de atores negros no teatro, somente à períodos anteriores que datam os séculos XVII, XVIII, XIX, mas em papéis subservientes. O negro estava em cena como objeto.

¹⁵ Chamo de espaço-drama as questões que são apresentadas pelo teatro negro. Em cena entravam temas que apresentavam o negro com suas histórias reais e seu cotidiano de embates na luta contra o racismo. Mais do que expor história, era um fazer artístico que expunha histórias de luta, reivindicação, combate as desigualdades sociais, e desejo de representatividade em nossos referenciais.

A presença do negro se restringia a subalternos, ridículos, como foi o caso do próprio Grande Otelo, que nunca teve a grande oportunidade de fazer o que ele merecia pela qualidade que tinha como ator dramático, de uma Pérola Negra que só vivia se rebolando, e outras por aí... São verdadeiras gerações de atores negros e atrizes que só eram aproveitadas nos papéis secundários, folclóricos ou obscenos (SEMOG, 2006, p. 123).

Segundo Joel Rufino dos Santos, há uma diferenciação entre teatro e drama, de tal forma que existe drama sem teatro, e teatro sem drama. O teatro é um habitus, é prática de lazer, programa artístico e educacional, e por pertencer, e se dar em moldes burgueses, por questões culturais, não contempla o ser negro em sua construção, não como ator.

Desse jeito, quando, na passagem do século 20 para o 21, o negro brasileiro ao se especializar em fazer teatro de palco, teve que repensar uma nova plateia, constituída de negros pobres, estudantes, militantes de movimentos antirracistas, classe média baixa e trabalhadores remediados (SANTOS, p. 57, 2014).

Ainda segundo SANTOS (2014), sobre a relação teatro e drama, o drama é marcado como um espaço de forte atividade dos seres de pele negra. Constituíram-se enquanto drama do ser negro o seu cotidiano, sua linguagem, suas idiossincrasias, o vivenciar, o estar, o lutar diariamente pela disputa de espaço na sociedade, a exemplos dos cortejos, e demais manifestações populares.

Podemos ainda exemplificar por alguns fatos sociais relevantes da atualidade da população negra no Brasil, que se relacionam às taxas de crescimento e ao volume de população carcerária no Brasil¹⁶, ao seu respectivo percentual de população negra (negros e pardos representam 66,5% da população carcerária¹⁷), às maiores chances de um adolescente negro ser vítima de homicídio no Brasil¹⁸, às conquistas da agenda das chamadas ações afirmativas de aumento de representatividade da população negra no poder público, nas comunidades epistemológicas, e canais de mídia, e outras situações relevantes, que para uma agenda engajada de teatro, como propõe teatrólogos como BRECHT e BOAL, não poderiam ser ignorados em uma proposta verdadeira de teatro no Brasil, como se pode inferir da proposta de Stanislavski, segundo a qual “um

¹⁶ Brasil tem quarta maior população carcerária do mundo. Disponível em: www.epoca.com.br

¹⁷ Retratos do cárcere. Disponível em: www.cps.fgv.br

¹⁸ Jovem negro corre 3,7 vezes mais risco de assassinato do que branco. Disponível em: www.revistaforum.com.br

verdadeiro artista [...] deve estudar a vida e a psicologia do povo em meio ao qual vive, bem como de diferentes seguimentos da população de seu país e do exterior” (STANISLAVSKI, 1997, p. 24). Contudo, é preciso estar atento para que uma proposta de teatro político ou engajado não se valha de propostas literárias, doutrinadoras, ou fortalecedoras de uma passividade-ingenuidade dos públicos.

Papéis de empregadas domésticas, bandidos, malandros, bêbados, descendentes de escravos que ainda vivem o estigma da escravidão e do racismo na sociedade, dentro da cena clássica, foi/continua sendo o lugar do negro, não mais somente no drama, citado por SANTOS (2014), mas agora também é visto no teatro. São, na maioria das vezes, estes estereótipos, e arquétipos que apresentamos ao inserir o negro no teatro. O negro protagonista é sempre aquele que precisa driblar as questões sociais (marginalização por ser pobre, conseqüentemente o racismo) para ter o almejado lugar ao Sol. Ele é representado sempre pelo sujeito que precisa firmar-se como tal e impor seu lugar social como ser de direitos. Sendo assim a identidade racial é tratada como categoria discursiva, ou seja, ela veicula sentidos, compõe cenas, cenários, subjetividades, espaços demarcados.

2.4 Experiências Teatrais que modificaram a cena do ator negro

Criação de grupos que sucederam o TEN, grupo precursor dessa temática. A historiografia composta por SANTOS (2014) destaca as seguintes companhias teatrais, e respectivas produções: *Teatro Experimental do Negro* (TEN) – ‘O Filho Pródigo’, ‘Rapsódia Negra’, Aruanda, e Sortilégio; *Bando Teatro do Olodum* – Dô, Ó paio, Cabaré da Rrrrraça, Espetáculo Áfricas, e Bença; *O Poste Soluções Luminosas* – Cordel do Amor sem Fim, e O Anjo Negro; *Grupo Nata* – Sirê Obá A Festa do Rei, e Exu a Boca do Universo; Grupo Caixa Preta – O osso de Mor Lam, e Transegun; *Cia Black e Preto* – Os Negros, Nunca pensei que ia ver este dia, Lima Barreto ao Terceiro dia, e Dorotéia. Embora não presentes na historiografia de SANTOS (2014), é importante destacar a montagens das companhias *Os Comuns* – Candaces A Reconstrução do Fogo, Bakulo Os bem lembrados, A roda do mundo, e Silêncio; e exemplos singulares como a dramaturgia de Paulo Cesar Pinheiro, com o musical Besouro Cordão de Ouro, e a dramaturgia da *Melanina Acentuada*, de Aldri

Anunciação com as peças Namíbia, não!, e O Campo de Batalha. Como podemos ver a questão educacional e artística tem sido o pano de fundo para pensarmos a inserção do negro, de modo mais significativo, nos processos constitutivos da sociedade.

Como os espetáculos poderiam contribuir para Educação ou Reeducação das relações étnico-raciais? Proponho a questão, e eu mesmo respondo. Destacar questões ligadas a criação e desenvolvimento de peças teatrais com a temática racial e o diálogo com a educação, como fiz neste capítulo, é uma maneira de pensar como o TEN contribuiu e encorajou a formação de outros grupos. O teatro, nesta discussão que apresentei, se coloca como ferramenta de transformação dos espaços sociais e impulsiona processos que considero educativos, uma vez que forja elementos e maneiras de pensarmos a inclusão de sujeitos, que em muitos dos casos, estão à margem da sociedade. Assim como na vida de Abdias, no período de sua infância, o teatro esteve presente em minha e na infância de muitos outros amigos. A experiência no teatro no período escolar é fundamental para que o sujeito desenvolva as suas potencialidades, e permite a construção da consciência crítica, uma vez que toma contato com temas que são inerentes a sua vida social. No próximo capítulo falaremos um pouco mais sobre esta questão. Aliamos o teatro, o jogo cênico à questão racial como modo de desenvolver o trabalho obrigatório a partir da promulgação da Lei 10.639/03.

Capítulo 3

MOVANOS Movimento Nosso – Educação e Cultura das Relações Étnico Raciais e outros exemplos.

O lugar no qual me encaixarei não existirá até que eu mesmo o crie (James Baldwin).

Início essa terceira e última parte apresentando esta frase para fazê-los entender de como as trajetórias, de nós, sujeitos de classes populares, dialogam e não são distantes. Em muitos dos casos precisamos forjar nossas oportunidades. Foi o que Abdias fez com o TEN. É o que eu fiz com a criação do MOVANOS. É o que professores vêm fazendo nas salas de aulas. No prólogo deste trabalho citei a trajetória humilde de meu orientador, assim como, no desenvolver dos capítulos, citei trechos da vida de Abdias, e agora finalizo trazendo minha contribuição nesse movimento de luta contra o racismo. Pensando uma metodologia para a escola que combata as diferentes formas de práticas racistas, articulada com o teatro, e que privilegie todos os temas que expus durante a produção deste trabalho. O MOVANOS se relaciona com a história do TEN, e os diálogos se colocam de modo perene. Vamos entender o contexto.

Zona Oeste do Rio de Janeiro. O bairro é Padre Miguel, e nos situamos na comunidade da Vila Vintém. O tráfico de drogas ainda é uma triste realidade nessa região. O MOVANOS Movimento Nosso foi criado em janeiro no ano de 2015, e éramos um grupo composto por 5 (cinco) jovens negros que possuíam experiências anteriores no ramo artístico: Hudson Batista (ator e pedagogo), Luter Angelo (produtor cultural e dramaturgo), Rachel Nascimento (atriz do CTO – Centro de Teatro do Oprimido e professora da rede pública), Hislany Midon (atriz e palhaça) e Rudson Martins (ator e diretor de teatro). Nesse início nos encontrávamos em encontros quinzenais, e a cada encontro nosso objetivo era tratar de temas que descrevessem a trajetória do negro nos diferentes espaços da vida social. No primeiro encontro discutimos sobre a posição do negro nas telenovelas, e tratamos de questões que considerávamos caras às populações negras. As experiências trazidas por cada um de nós, a cada encontro, contribuíam para situarmos o que queríamos enquanto grupo. O grupo necessitava de um nome. Por sermos todos artistas, nossas vidas eram constantes MOVIMENTOS. Era uma iniciativa feita por NÓS. MOVIMENTOS NÓS, não. MOVIMENTO NOSSO. Luter, apesar de

gostar no nome, achara extenso. Retirou o radical “MOV” da palavra MOVIMENTO e “NOS” da palavra NOSSO. Uniu os dois radicais e colocou um “A” ao meio, dando ideia de imperativo. A partir de então seríamos MOVANOS Movimento Nosso. A sankofa¹⁹ como símbolo traduzia o nosso maior desejo. Era um voltar no passado, para pensar nossos presentes e de outras pessoas, e assim planejarmos nosso(s) futuro(s). Ao todo tivemos 4 (quatro) encontros, que eram encabeçados por cada um de nós. A cada quinzena uma proposta de atividade dentro da expertise de cada integrante.

Como podemos perceber, as histórias que compõe a memória do grupo dialogam e vai ao encontro da inquietude que fez Abdias criar o Teatro Experimental do Negro... O negro não estava em cena. Somos da periferia, de famílias negras, e desejamos mudar a realidade combatendo o racismo. O negro aqui é sujeito do processo, assim como no TEN. Passaram-se 63 anos desde a criação do grupo, e apesar da formulação da lei ser do ano de 2003, ainda podemos perceber o racismo presente na sociedade, e os equívocos reproduzidos por professores em salas de aula.

Mas como sabemos, nossas vidas tomam caminhos que desconhecemos, e não foi diferente conosco. Assim como não foi diferente com as pessoas que passaram pelo Teatro Experimental. Passamos por reformulações. Alguns companheiros tiveram de deixar o Movimento. Cada um de nós possuía projetos que tínhamos como prioridades em nossas vidas. Mas, dentro ou fora do projeto, entendíamos que a luta no combate ao racismo era/é uma bandeira de todos, ou seja, o nosso maior projeto de vida. Sendo assim, o MOVANOS Movimento Nosso tornou-se o que chamamos de **empresa social**²⁰. Criamos um programa curricular extraclasse de artes cênicas para ser desenvolvido em escolas públicas e privadas, no combate ao racismo e como forma de aplicação da lei 10.639/03 – o que chamamos de Jornada Teatro-Corpo – onde já atendemos cerca de 100 alunos; e ações de formação de plateia em teatros e equipamentos culturais locais – MOVANOS ao Teatro – onde cerca de 300 pessoas,

¹⁹ Sankofa – símbolo da arte akan tradicional. Literalmente, Sankofa significa “volte e pegue”, sugerindo a importância de voltar ao passado para ressignificar o presente e planejar o futuro. Definição dada pelo fotógrafo Cesar Fraga, em sua viagem ao continente africano. Esta exposição esteve no ‘Caixa Cultural’ – Centro do Rio de Janeiro, de 18 de outubro a 22 de dezembro de 2016.

²⁰ É uma empresa como qualquer outra, possui receita e etc, mas possui compromisso social. Ou seja, as ações que desenvolvemos e os valores que recebemos pelas ações são revertidos em atividades de impacto social.

entre adultos e crianças, já assistiram espetáculos gratuitos viabilizados por nós. Nossas atividades buscam valorizar os referenciais afro-brasileiros, assim como o TEN.

Em entrevista com Thiago (estudante universitário do curso de história da UFRJ e pesquisador do IPEAFRO – Instituto de Pesquisa AfroBrasileiras), no ano de 2012, ele me relata o seguinte:

Abdias costumava dizer que o TEN, não existia um espaço pra eles, e institucionalmente falando o TEN era uma pasta que ele punha embaixo do braço e andava a todos os lugares. Mas nem por isso ele deixou de ter tanta relevância no contexto onde nasceu. Hoje temos inúmeros atores consagrados na televisão, no teatro, que é filho do TEN. Graças ao TEN temos várias Cias Teatrais sobre essa inspiração, sobre o legado de Abdias Nascimento, por isso é importante a gente não deixar esse legado morrer. Perdemos²¹ um líder guerreiro da causa negra, mas recebíamos com alegria e com medo também esse legado, essa responsabilidade de dar continuidade.

Como vimos no capítulo 2 (dois), o desejo de Abdias nunca foi tornar-se uma companhia de teatro profissional com o TEN. Sua questão com a população negra era pedagógica, e pedagógica no seu sentido mais amplo. Podemos entender que seu desejo era impactar a vida de pessoas, principalmente os pobres e negros. E nós (MOVANOS) não nos distanciamos disso. Nosso foco de atuação se debruça em impactar as instituições de ensino com a nossa metodologia, sejam públicas ou privadas. Nossa justificativa para entrada nesses espaços se deu a partir do diagnóstico do cotidiano escolar. Como já citei anteriormente, e vimos de modo explícito essa questão no capítulo 1 (um), a escola ainda permanece como espaço onde são reproduzidas práticas e ações racistas. Na pesquisa que desenvolvemos durante minha permanência no PET (o grupo de pesquisa da UFRJ) viu-se que apesar da lei (10.639/03) ter seu caráter obrigatório nas instituições de ensino, ainda permanecem equívocos que rondam o tema, e ainda vemos atividades muito pontuais no ano letivo. Ou se desenvolve uma atividade em 13 de maio (“abolição” da escravatura), ou fala-se do tema em novembro, ‘mês da consciência negra’(morte de Zumbi dos Palmares). Já faz 14 anos desde a implementação da lei e ainda há muito a ser feito.

O percurso de normatização decorrente da aprovação da Lei nº 10.639/03 deveria ser mais conhecido pelos educadores e educadoras de escolas públicas e privadas do país. Ele se

²¹ Abdias faleceu em 23 de maio de 2011.

insere em um processo de luta pela superação do racismo na sociedade brasileira e tem como protagonistas o Movimento Negro e os demais grupos de e organizações partícipes da luta antirracista. Revela também uma inflexão na postura do Estado, ao pôr em prática iniciativas e práticas de ações afirmativas da educação brasileira, entendidas como forma de correção de desigualdades históricas que incidem sobre a população negra em nosso país (GOMES, p. 16, 2010).

O Estado ao mesmo tempo em que reconhece sua participação na construção do imaginário das pessoas, que durante anos, reiterou a ideia desse fenômeno devastador (o racismo), ele cria ferramentas para esse combate, mas sabemos que ainda não é o suficiente.

É sabido o quanto a produção do conhecimento interferiu e ainda interfere na construção de representações sobre o negro brasileiro e, no contexto das relações de poder, tem informado políticas e práticas tanto conservadoras quanto emancipatórias no trato da questão étnico-racial e dos seus sujeitos (...). As ações pedagógicas voltadas para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 e suas formas de regulamentação se colocam nesse campo. A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas práticas e nas políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, aqui, neste caso, representado pelo segmento negro da população (Idem).

Muitos que não compreendem a questão histórica dos grupos na luta do combate ao racismo na sociedade, desenvolvem discursos equivocados a cerca do tema. Reproduzem a ideia de que quando voltamos à atenção para a população negra, na superação das desigualdades, estamos gerando a crença de que este grupo é incapaz, que as cotas nos inferioriza, e que falar do tema de África na escola é falar de “*macumba*”, *religião*.

A escassez, ou ausência, de cursos de formação inicial de professores com enfoque específico nas relações étnico-raciais, a quantidade incipiente de materiais que informem de forma não estereotipada sobre a diversidade nacional e até mundial, dentre outros fatores, contribuem imensamente para a manutenção do racismo na escola e a formação de indivíduos intolerantes racialmente. Daí a necessidade de se elaborarem alternativas pedagógicas inclusivas racialmente, fundamentadas em valores éticos e solidários, ampliando a consciência estética dos indivíduos para que se tornem sujeitos capazes de produzir cultura, e não apenas de consumi-la, intervindo concretamente na realidade através da arte (NASCIMENTO, p. 112, 2016).

Rachel Nascimento, autora do trecho acima, foi uma das integrantes do MOVANOS, como citei no início deste capítulo. Há 3 (três) anos é professora da rede pública municipal de ensino, e desde então desenvolve práticas que nos levam a entender o que seriam modelos de educação antirracista. É professora na educação infantil. “Com as turmas de 5 anos tenho trabalhado jogos iniciais de Teatro do Oprimido²² (...). A investigação da Estética do Oprimido tem demonstrado uma riqueza de possibilidades quando se trata do trabalho com crianças pequenas, desde a disposição de livros e revistas com personagens negros, a análise dos personagens da história, a representação do mundo e de si (NASCIMENTO, p.112)”. Apesar de muitos ambientes de trabalhos não serem favoráveis a práticas que consideramos emancipatórias, vemos que o professor, pelo menos no caso da rede pública, tem autonomia para desenvolver práticas que repensem o modo de pensar dos alunos, fazendo-os desconstruir práticas racistas. Neste caso, o trabalho vem se enveredando com crianças na educação infantil.

Uma proposta educacional antirracista é imprescindível desde a primeira infância não só para as crianças negras e demais não brancas, mas para toda a sociedade que se quer mais justa e humana. O Teatro do Oprimido tem sido uma estratégia sensível e estética na minha formação enquanto professora para pensar alternativas críticas e criativas de trabalhar os conflitos que surgem em sala, em especial os conflitos étnicos, trazendo à luz práticas sociais já mecanizadas e ritualizadas no cotidiano escolar. O TO (Teatro do Oprimido) me proporciona criar, junto com as crianças, caminhos para desconstrução de preconceitos e estereótipos, promovendo a integração e o respeito à diversidade (Idem, p. 113).

3.1 A Jornada Teatro-Corpo

A Jornada Teatro-Corpo é um programa de artes cênicas para escolas que desejam uma atividade extracurricular diferenciada. Por meio de jogos dinâmicos, os participantes irão aumentar seu autoconhecimento; competências ligadas ao processo ensino-aprendizagem e propomos uma chamada para ação.

²² O Teatro do Oprimido foi criado pelo teatrólogo Augusto Boal nas três últimas décadas do século XX. Consiste em jogos teatrais que despertam a consciência cidadã e política de seus participantes. Augusto Boal era entusiasta do TEN, e contribuiu como colaborador do Jornal Quilombo, como citei no capítulo 2.

Para criação dos planos de aula que foi um dos principais pontos para que as pessoas compreendessem nossa metodologia, nos valem os valores civilizatórios afro-brasileiros, que são: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE, TERRITORIALIDADE, RELIGIOSIDADE, CORPOREIDADE, ORALIDADE, MUSICALIDADE, AXÉ (ENERGIA VITAL), LUDICIDADE, COOPERATIVISMO/COMUNITARISMO e a CIRCULARIDADE. O conceito desses valores foram pensados pela professora Azoilda Loretto Trindade no programa ‘A Cor da Cultura’.²³ A cada aula, como tema, nós usamos um dos valores. Observe o plano abaixo:

| AULA Nº X - MEMÓRIA | |
|---------------------------------|---|
| 18 Tempo | JOGO DE RECEPTIVIDADE - Viola Spolin 30min |
| | RODA DE CONVERSA - participantes, monitor (vídeo) - 20min |
| | JOGO DE CRIATIVIDADE - Paulo Coelho - 30min |
| INTERVALO 10min | |
| MEMÓRIA APLICADA À APRENDIZAGEM | |
| 28 Tempo | Exposição da Técnica (monitor) - 30min |
| | Execução da Técnica (participantes) - 30 min |
| | JOGO DE TRANSFORMAÇÃO CIDADÃ - Augusto Boal - 30 min |

²³ Azoilda Loretto Trindade possuiu Doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005), Mestrado em Educação, com área de concentração em Psicologia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1994) graduação (Licenciatura) em Pedagogia pelo Instituto Isabel (1987), graduação em Psicologia (Licenciatura, Bacharelado e Formação de Psicólogo) pela Universidade Gama Filho (1982). Atuou como supervisora educacional - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Atualmente é professora da Universidade Estácio de Sá e do Conservatório Brasileiro de Música. Coordenadora da Instituição Projeto Diálogo entre Povos e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Identidades e Alteridades: Diferenças e Desigualdades na Educação. Atuou como consultora do Canal Futura, da TVE (Programa Salto para o Futuro) e do UNICEF, Coordenadora Pedagógica do Projeto "A Cor da Cultura". Com vários livros e capítulos de livros organizados e publicados. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, Didática e Prática de Ensino e Psicologia Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: afrodescendência, currículo e multicultural. Azoilda faleceu em 14 de setembro de 2015 (informações retiradas do Lattes em 28/01/2017).

‘A Cor da Cultura’ é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir - Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial. O projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo (Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>).

Neste exemplo, como se pode observar, trouxemos o valor ‘MEMÓRIA’. A aula é dividida em dois momentos, e todas as atividades, de cada momento, foram pensadas em cima desse valor. Diferente seria se fosse o valor ‘ORALIDADE’ por exemplo. Na primeira parte temos:

- A série de JOGOS DE RECEPTIVIDADE, onde usamos exercícios práticos da teatróloga Viola Spolin. Essa autora propõe um método teatral que reduza a evasão escolar. Aqui nós utilizamos exercícios, propostos pela autora, que despertem a memória.
- RODA DE CONVERSA: momento onde os participantes e o monitor entendem melhor sobre o valor-tema (MEMÓRIA). Fazemos o uso do audiovisual – vídeos interativos.
- A série de JOGOS DE CRIATIVIDADE; aplicamos exercícios práticos que desenvolva o potencial criativo dos participantes. Aqui usamos o autor Paulo Coelho. Este desenvolveu uma metodologia que pretende desenvolver a criatividade dos participantes. Uso de exercícios que trabalhem a memória.

Na segunda parte:

- Exposição da técnica – nesse momento apresentaremos aos participantes técnicas de ensino-aprendizagem que ajudam no uso da memória.
- Execução da técnica – aqui os participantes se familiarizam e tentam desenvolver a técnica apresentada.
- JOGOS DE TRANSFORMAÇÃO CIDADÃ; aqui os participantes são expostos a exercícios práticos que são baseados no método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal. São exercícios que desenvolvem a criticidade nos participantes. Desta série destacamos os exercícios ligados a memória.

Nas aulas que são inteiramente práticas desenvolveremos nos participantes o que chamamos de AUTOCONHECIMENTO (Consciência Corporal e Crítica); Técnicas que aperfeiçoem a APRENDIZAGEM (Concentração, Disciplina, etc.); e por último e não menos importante, temos a CHAMADA PARA AÇÃO – que será a formação de núcleos de temática afro nas escolas. Esse grupo será formado por alunos que forem egressos de nossas oficinas, e ficarão responsáveis por desenvolver, durante o ano

letivo, eventos de temática africana e afro-brasileira nas escolas. Esse grupo poderá auxiliar no trabalho do professor em sala, fornecendo informações, propondo maneiras inovadoras de desenvolver os temas que permita que a escola cumpra o trabalho determinado pela Lei 10.639/03. O grupo contará com nosso apoio e assessoria, onde iremos oferecer cursos de capacitação ligados aos temas da lei e ligados a eventos.

3.2 Perspectivas Educativas

Se Abdias usava o TEN para alfabetizar e educar de maneira étnica os sujeitos daquele período histórico (atores, pobres e favelados), hoje o MOVANOS emprega a Jornada Teatro-Corpo, como mecanismo de ensino da história e cultura afro brasileira nas escolas e comunidades. Entendemos que se a lei se efetiva ela educa seus sujeitos dentro do campo das relações étnico raciais.

O TEN alfabetizava e conscientizava as pessoas e Abdias foi um dos precursores a pensar uma prática educativa que oferecesse aos estudantes uma perspectiva positiva sobre a África e a história de seus descendentes. O MOVANOS traz o teatro como ferramenta de transformação. Adaptamos o conteúdo histórico do tema da lei a exercícios práticos teatrais. Colocamos o negro como protagonista do processo, e desejamos romper com a mimesis²⁴ já posta dos personagens negros (marginalidade, subserviência, etc.). Nossa questão educativa se coloca quando o aluno entende a importância de que processos como esses podem e devem mudar o modo como percebem a realidade, e tornam-se agentes transformadores e multiplicadores. A escola é nosso espaço de atuação, mas não nos restringimos a ela. Entendemos que ao despertarmos o interesse nos alunos ao aplicarmos em seus participantes exercícios inspirados em aulas de teatro, desenvolvemos habilidades e competências, que servem de ajuda e apoio em seus relacionamentos interpessoais, indo além da sala de aula, ou do espaço de atuação do tablado. É um compromisso de engajamento sociopolítico,

²⁴ Mimese ou mimésis, é um termo crítico e filosófico que abarca uma variedade de significados, incluindo a imitação, representação, mímica, a receptividade, o ato de se assemelhar, o ato de expressão e a apresentação do eu. Figura de retórica que se baseia no emprego do discurso direto e essencialmente na imitação do gesto, voz e palavras de outrem. Imitação verosímil da natureza que constitui, segundo a estética aristotélica e clássica, o fundamento de toda a arte (Visto em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mimesis>).

educacional, e familiar. Acreditamos que todos nós, seres humanos, sujeitos sociais conscientes, que estamos dispostos a perceber e entender os processos transformativos da sociedade e de seus diferentes sujeitos, devemos tomar conhecimento de um trabalho com este.

Não podemos perder de vista o desejo que nos impulsiona diariamente. Esse desejo está ligado ao modo com percebemos e fazemos a leitura dos processos que ocorrem a nossa volta. Criação é a palavra-chave usada para manter acessa a chama das descobertas que são feitas diariamente. É como andar pela rua e se deter as pessoas que passam por você, à cor das casas, a cor dos carros, a temperatura da ambiente, etc. Tudo é usado como ferramenta no exercício de criação. A composição de um personagem pode estar ligada a senhora que vende doces na praça; a uma música que ao escutar você se lembra do último amor que se foi sem se despedir e sequer deixou endereço; ou simplesmente porque você parou e percebeu a jornada feita pelas formigas quando encontram restos de alimentos pelo chão da casa. Tudo é subsídio quando se está disponível para a criação. Mas quais são os referenciais que nos são apresentados para a composição cênica, e até mesmo de nossas vidas?

São questões como essas que trazemos à nossa didática de atuação com os alunos. É um questionar do *status quo* que o estudante faz a partir das suas vivências até o momento de nosso encontro. Assim como Abdias fez ao criar o TEN, e posteriormente o Jornal Quilombo, e todos os eventos e diversas atividades que produziram. Como já citamos, para a aproximação a africanidade, os integrantes são expostos a exercícios intimamente relacionados com os valores e princípios civilizatórios afro-brasileiros. São valores que estão presentes em nós e em vários espaços da vida social. Muito mais do que um trabalho de militância puramente, quando tratamos do tema étnico em sala de aula e de seus referenciais históricos, estamos validando processos culturais que são constituintes e constitutivos de nós mesmos, uma marca identitária do ser humano, independente de seu grupo étnico. O MOVANOS usa o TEN como tema, e foi o que nos impulsionou desde o início da formação do grupo.

Considerações Finais

Se no século XX foram estruturadas práticas pedagógicas que tinham o objetivo de negar a existência da população negra no Brasil, hoje no século XXI, a partir de iniciativas que datam a formação do TEN, vemos que a realidade dos currículos e as práticas escolares se pretendem de outras formas, ou seja, há um movimento que busca a representatividade da população negra. Fugamos dos traços pitorescos e estereotipados, da marca do processo de escravidão. A população negra é constituinte do povo brasileiro, e sabemos ser em sua maioria, e esse dado nunca poderá ser descartado, pois ao negarmos a história desses sujeitos e suas contribuições culturais, em diversos sentidos, estaremos negando nossa história como um todo.

Se pararmos para pensar, e analisarmos bem todas essas histórias, concordaremos, sem sombra de dúvidas, que o caminho até aqui não foi fácil. Viver em um país que durante anos negou nossa existência, e ter de driblar a ideia de que preconceito de raça não existe, pois a questão é social, é o tema primeiro se quisermos compreender melhor os processos raciais do país. Entendemos que um trabalho como este, tanto acadêmico (a própria monografia) ou até mesmo o prático da sala de aula, com a Jornada Teatro-Corpo, venha com o compromisso de solucionar, junto ao emprego do teatro e auxílio da lei o fortalecimento da aprendizagem e resgatar elementos da cultura africana e afro-brasileira. O processo de construção do conhecimento sistematizado pelo MOVANOS busca pensar a relação existente entre análises que são teóricas e ao mesmo tempo práticas – falo dos conteúdos e dos referenciais que nos utilizamos para estruturar nossa metodologia. Toda a história da população negra e seus muitos personagens ganham destaque em nosso programa de ensino.

Como vimos o tema da educação no período de início do século XX ainda era uma questão delicada e confusa, o negro não possuía representatividade histórica na construção do território nacional e as práticas pedagógicas eram baseadas em crenças racistas. Pôde-se observar expressões racistas também no campo artístico, o que impulsiona Abdias a criar o TEN, e posteriormente, surgem outros grupos. O Teatro Experimental do Negro teve uma importância no território da sociedade brasileira que considero fundamental se quisermos entender práticas percussoras sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos) – questão pedagógica; artística e política.

Sabemos que o TEN foi precursor em muitos aspectos ligados a população negra. Nós o usamos como referência, outros grupos fazem o mesmo. Espero assim que um trabalho como este ganhe notoriedade, impulsionando e incentivando alunos, professores, a sociedade de um modo geral, no combate às práticas racistas que ainda são presentes em diferentes realidades de nossa sociedade. Que venham outras continuidades. Estamos na luta!

Referências:

<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/haiti.html>

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

ALMADA, Sandra. Abdias Nascimento. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Retratos do Brasil Negro)

BATISTA, Hudson. Educação e diversidade em diferentes contextos/ org. Amilcar Araujo Pereira, Warley da Costa. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COELHO, Paulo. O teatro na educação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

DÁVILA, Jerry. Diploma de brancura. Política social e racial no Brasil – 1917-1945. cidade: São Paulo, SP Editora: Unesp Ano: 2006

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GOMES, Nilma Lino. Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres/ [organização Ana Paula Brandão]. – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

GONDRA, José Gonçalves. Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro/ José Gonçalves Gondra, Alessandra Schueler. – São Paulo: Cortez, 2008.

IPEAFRO. Catty, a Boneca de Piche de 1950. Quilombo, Rio de Janeiro, ano 2, nº 9, maio 1950.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. Educação, diferenças e desigualdades/ org. Maria Lúcia Rodrigues Muller e Lea Pinheiro Paixão. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Cultura em movimento: matrizes africanas e o ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Grandes vultos que honraram o senado. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.

NASCIMENTO, Rachel. Metaxis: Centro de Teatro do Oprimido, 30 anos: Teatro do Oprimido na Maré. – Rio de Janeiro: Centro de Teatro do Oprimido, 2016.

NÓVOA, António. Desafio do trabalho do professor no mundo contemporâneo. Sindicato dos professores de São Paulo, São Paulo, 2007.

O'NEILL, Eugene. Imperador Jones. In:____. Quatro peças. Tradução de Luiz Drummond Navarro. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1964.

PEREIRA, Amilcar Araujo. “Por uma autêntica democracia racial!”: Os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. Revista História. Hoje, v.1, nº1, p.111-128 – 2012.

SANTOS, Joel Rufino dos. A história do negro no teatro brasileiro. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2014.

SEMOG, Éle. Abdias Nascimento: o griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 48, p. 11 – 32, jul. 1997.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2012.

STANISLAVSKI, Constantin. Manual do ator. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1997.